



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III**

**CENTRO DE HUMANIDADE
DEPARTAMENTO LETRAS**

**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

JUVENAL CÂNDIDO DE ARAÚJO JÚNIOR

**QUANDO O AMOR É GRANDE SÍMBOLO DA PAIXÃO: ANÁLISE DE TRISTÃO E
ISOLDA**

**GUARABIRA
2020**

JUVENAL CÂNDIDO DE ARAÚJO JÚNIOR

QUANDO O AMOR É GRANDE SÍMBOLO DA PAIXÃO: ANÁLISE DE TRISTÃO E ISOLDA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Psicanálise.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz

**GUARABIRA
2020**

A234q Araújo Junior, Juvenal Candido de.
Quando o amor é grande símbolo da paixão [manuscrito] :
análise de Tristão e Isolda / Juvenal Candido de Araujo
Junior. - 2020.
33 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2020.
"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Amor. 2. Simbologia. 3. Sentimento. 4. Tristão e Isolda.
I. Título
21. ed. CDD B869.3

JUVENAL CÂNDIDO DE ARAÚJO JÚNIOR

QUANDO O AMOR É GRANDE SÍMBOLO DA PAIXÃO: ANÁLISE DE TRISTÃO E ISOLDA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

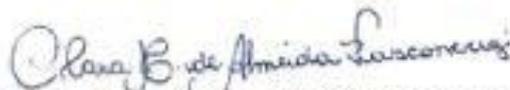
Área de concentração: Literatura, Discurso e Psicanálise.

Aprovada em: 11 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Oria)

Prof. Me. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Clara Márya de Almeida Vasconcelos
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)



Profª. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha querida e amada irmã Joelma
Cândido de Araújo (*In memoriam*) pelo
apoio, companheirismo e amizade,
DEDICO.

[...] Mas, cuidado! Que apenas eles bebam esse licor, pois esta é a sua propriedade: os que juntos o beberem irão se amar com todos os seus sentidos e seu pensamento, para sempre, na vida e na morte. (ABRANTES, 2011, p. 33).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O banho de Tristão.....	20
Figura 2 – Tristão é posto num barco ao mar.....	24
Figura 3 – Tristão e Isolda bebem o filtro mágico.....	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O LIMIAR DO AMOR	12
3	METODOLOGIA	16
3.1	Etapas da pesquisa	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
4.1	O mito do amor	22
4.1.1	<i>O elemento: mar</i>	23
4.1.2	<i>O filtro mágico</i>	26
4.1.3	<i>Os mistérios da lenda</i>	28
5	CONCLUSÃO	30
	REFERÊNCIAS	31

QUANDO O AMOR É GRANDE SÍMBOLO DA PAIXÃO: ANÁLISE DE TRISTÃO E ISOLDA

QUAND L'AMOUR EST UN GRAND SYMBOLE DE PASSION: ANALYSE DE TRISTAN ET ISOLDE

Juvenal Cândido de Araújo Junior *

RESUMO

A literatura é compreendida como uma forma de expressão artística que pode proporcionar ao leitor momentos reflexivos, conectando-o ao seu campo sentimental. Nesse contexto, propomo-nos analisar a simbologia do amor presente na obra *Tristão e Isolda: lenda medieval celta de amor* (2011), produzida pelo escritor francês Fernandel Abrantes. Nossa fundamentação teórica baseia-se em Paz (1914), Campbell (1990), Sergio Paulo Lebrun (2009), Le Goff (2011), Rougemont (2003), Wisnik (2009), Barros (2001) e Franco Júnior (1996). Nesta pesquisa objetivamos realizar um estudo sobre as várias faces do amor concebido no referido romance, assim como também conceber um breve percurso acerca da história do amor, estabelecer uma relação entre a literatura e a psicanálise e interpretar os mitos existentes na obra. Nossa pesquisa, portanto, condiz com um caráter qualitativo-interpretativo. A análise mostrou que o amor assim como o conhecemos, sempre foi visto de diversificados modos, desde um sentimento nobre a um sentimento menosprezado, pois era moldado por intermédio da sociedade. Constatamos ainda, que o amor também foi vítima de aspectos místicos e mágicos que atribuíam-lhe sentidos negativos, como podemos observar na obra que o amor, por ser oriundo de magia, carrega consigo a dor e a morte para os amantes.

Palavras-chave: Amor. Simbologia. Sentimento. Tristão e Isolda.

RÉSUMÉ

La littérature est comprise comme une forme d'expression artistique qui peut fournir au lecteur des moments de réflexion sur lui-même et, de cette manière, elle connecte le lecteur à ses sentiments les plus intimes. Dans ce contexte, nous proposons d'analyser la symbologie de l'amour présente dans l'œuvre *Tristan et Isolde: légende celtique médiévale de l'amour* (2011), produit par l'écrivain français Fernandel Abrantes. Notre théorique repose sur Paz (1914), Campbell (1990), Sergio Paulo Lebrun (2009), Le Goff (2011), Rougemont (2003), Wisnik (2009), Barros (2001) e Franco Júnior (1996). L'analyse a montré que l'amour tel que nous le connaissons a toujours été vu de différentes manières, d'un sentiment noble à un sentiment rabaissé, car il a été façonné par la société. Dans cette recherche, nous visons à mener une étude sur les différents visages de l'amour conçus dans le roman référencé, ainsi qu'à concevoir un bref voyage sur l'histoire de l'amour, à établir une relation entre la littérature et la psychanalyse et à interpréter les mythes existants dans l'œuvre. Notre recherche est donc cohérente avec un caractère interprétatif

* Aluno da graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus – III.
E-mail: juvenal.junior@aluno.uepb.edu.br

qualitativo. Nós também constatamos que o amor era também vítima de aspectos místicos e mágicos que lhe atribuíam significações negativas, como podemos ver na obra, que o amor porque ele vem da magia, vem com ele dor e morte para os amantes.

Mots-clés: Amor. Simbologia. Sentimento. Tristan et Isolde

1 INTRODUÇÃO

A literatura é compreendida como uma forma de expressão artística que nos apresenta um campo extenso de narrativas, que podem proporcionar ao leitor momentos reflexivos, conectando-o ao seu campo sentimental e/ou sobre algum outro aspecto relacionado a sua pessoa. Dessa forma, a literatura conecta o leitor aos seus mais íntimos sentimentos.

É tomando por base essa relação da literatura com o campo sentimental que falaremos sobre um dos mais nobres sentimentos, o amor, pois ele apresenta no âmbito literário, diversificados e variados tipos de conceitos, como o apego e/ou afeto que um indivíduo nutre pelo outro.

Em torno dos conceitos do amor, podemos encontrá-lo em diferentes tipos, a exemplo do amor Eros e do amor Ágape, dois tipos distintos desse mesmo amor: o primeiro, está relacionado ao amor carnal, ou seja, ao sexo propriamente dito; já o segundo por sua vez, está relacionado a um aspecto mais religioso, podemos assim dizer, pois é o amor puro pelo próximo.

A literatura evidencia ainda em seu percurso histórico-cultural uma gama de mitos advindos, mais precisamente, da cultura greco-romana e um desses mitos é a paixão, ponto de partida para outros sentimentos, como o próprio amor ou seu inverso: o ódio.

Seguindo por essa linha de raciocínio, esse sentimento passional, direciona, muitas vezes, o sujeito por caminhos dolorosos, pois sempre vai transpassar por dualidades, uma vez que a paixão demasiada faz o indivíduo sofrer por algo ou alguém, de modo a exaltá-lo, é o chamado “amor cortês” presente em romances da Idade Média.

Por amor cortês, entendemos um amor exacerbado, em que há um certo “endeusamento” da pessoa amada, este tipo de amor, vale ressaltar, surgiu na época medieval e uma de suas características era a de que a dama (casada) era desejada por vários cavaleiros, o que despertava ciúmes ao marido da dama, o que muitas vezes gerava revoltas e tudo acabava em morte.

Mas com o passar dos tempos, os romances deram abertura para uma nova forma de representar o amor, diferente do romance que apresentava o amor cortês, agora não mais terminava em mortes, e sim em finais felizes, não há mais a forte evidência do trágico, mas sim da felicidade.

Nesse contexto, propomos neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), estabelecer uma análise quanto a simbologia do amor presente na obra *Tristão e Isolda: lenda medieval celta de amor* (2011), produzida pelo escritor francês Fernand Abrantes, bem como as teorias do amor, a partir de estudos analíticos desta obra, em torno do amor existente entre as personagens principais, cujo amor é proibido e gerado por meio de sortilégio.

Tristão e Isolda é um manuscrito da época medieval que, com o passar dos tempos, foi sendo contada de diferentes maneiras, apresentando, assim, diversas versões sobre a história. A obra analisada, contudo, foi escrita por Fernandel Abrantes, que teve por base a narrativa do trovador do século XII, Thomas Béroul, assim como também, de Gottfried von Strassburg e dos estudos de J. Bédier.

Em linhas gerais, o romance nos conta a história de um amor trágico, pois Tristão sobrinho do Rei Marcos, da Cornualha, vai ao encontro de Isolda, jovem prometida em casamento ao Rei, mas por meio do filtro mágico, a poção do amor feita pela mãe da jovem, os dois se apaixonam perdidamente, pois o filtro tinha o poder de fazer com que o casal que o tomasse juntos, se apaixonassem um pelo outro.

Este amor que invade os corações dos amantes proporciona-lhes tanto a felicidade quanto a dor, pois não podiam ficar juntos. Dessa forma, passam a ocorrer inúmeros encontros às escondidas e surgem muitos desafios, mas o amor dos dois é mais forte. O amor entre ambos se faz tão voraz que perpassa a própria morte, pois com a morte de Tristão, Isolda abraça-se com ele e profere suas últimas palavras.

Ressaltamos que a obra *Tristão e Isolda: lenda medieval celta de amor* (2011) – objeto de apreciação da presente investigação de conclusão de curso, apresenta um “amor impossível” de acontecer de fato, que carrega consigo muito sofrimento, resultando na morte trágica dos amantes. O autor evidencia nesta lenda, aspectos mágicos e míticos deste amor tão profundo.

Nesta perspectiva, é que nos propomos a realizar um estudo sobre as várias faces do amor concebido no romance de Fernandel Abrantes, tendo por finalidade analisar o significado do amor quanto às suas vertentes e sua história, assim como também os mitos que o rodeiam.

Dessa forma, podemos, entretanto, estabelecer os objetivos que dão direcionamento a nossa produção, que são eles: a) conceber um breve percurso acerca da história do amor; b) estabelecer uma relação entre a literatura e a psicanálise; c) interpretar os mitos existentes na obra, referentes às paixões.

Nesse contexto, encaminhamos a nossa pesquisa de modo a estabelecer uma melhor compreensão crítica dos aspectos e teorias do amor, realizando uma análise simbólica quanto à sua origem histórica e a sua trajetória até a contemporaneidade, a partir do nosso objeto de estudo, o amor impossível de Tristão e Isolda. Nossa pesquisa, portanto, condiz com um caráter qualitativo-interpretativo.

Nossa fundamentação passa por uma contextualização do romance, levando em consideração as teorias sobre o limiar do amor, sob a perspectiva de Octavio Paz (1914), Joseph Campbell (1990) e Gérard Lebrun (2009). Enquanto, para subsidiar nossas interpretações nos baseamos nas contribuições de Jacques Le Goff (2011), Denis de Rougemont (2003), José Miguel Wisnik (2009), Maria Nazareth de Barros (2001) e Hilário Franco Júnior (1996).

Nesta presente pesquisa, procuramos por corroborar o amor proibido presente no romance *Tristão e Isolda: lenda medieval celta de amor* do autor Fernandel Abrantes, assim como também, analisar o termo em suas diversas teorias. Não é de nosso interesse discorrer sobre aspectos de cunho negativos da obra. Assim, almejamos, com esta produção, contribuir com os estudos acerca das teorias do amor apreciadas no respectivo romance.

Realizaremos, ainda, um estudo acerca do mito propriamente dito, além dos elementos detentores de certos aspectos místicos presentes no Romance, a

exemplo do elemento Mar e do Filtro Mágico, elementos fundamentais para a obra e, também, sobre os mistérios enigmáticos que dão real sentido à narrativa, mas que deixa ao leitor algumas incógnitas quanto aos desdobramentos da história.

Além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em quatro unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, discutiremos sobre o limiar do amor, onde serão apresentados conceitos do vocábulo amor, além de abordarmos estudos acerca da historicidade do referido termo. Logo após, expomos nossa metodologia utilizada na elaboração da referida produção.

Ainda nesta unidade, apresentamos brevemente sobre os métodos e os procedimentos utilizados para a realização da nossa pesquisa. Na terceira unidade, consideremos o corpus de análise para discussão e apontamentos, a partir de teorias que abarcam os elementos místicos que dão direcionamento à narrativa. Por último, apresentamos algumas considerações acerca da análise neste estudo realizados e as referências usadas.

2 O LIMIAR DO AMOR

Ainda bem
Que agora encontrei você
Eu realmente não sei
O que eu fiz pra merecer
Você

Marisa Monte

Sabemos que o vocábulo amor apresenta um vasto campo semântico de significações e, também, de definições e interpretações, com isso, iniciaremos por traçar breves conceitos do termo a partir de alguns dicionários, sendo um da Língua Portuguesa e outro de Psicanálise, relacionando os conceitos com os teóricos estudados.

Para o Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa (2010) o amor consiste em “1. Afeição profunda. 2. O objeto dessa afeição. 3. Conjuntos de fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o instinto sexual. 4. Coisa ou pessoa bonita, preciosa. 5. Afeto a pessoa ou coisa. 6. Relação amorosa. 7. Entusiasmo, paixão [...]” (RIOS, 2010, p. 29).

Por outro lado, o Dicionário de Psicanálise (1995), por sua vez, apresenta o amor como um “Sentimento de apego de uma pessoa por outra, com frequência profundo, até mesmo violento, mas cuja análise demonstra que pode ser marcado pela ambivalência e, sobretudo, que não exclui o narcisismo.” (CHEMAMA, 1995, p. 12).

Observando os conceitos apresentados pelos dois dicionários, percebemos que mesmo se assemelhando, podemos encontrar uma distinção, pois Chemama (1995) vem afirmar que o amor, além de ser um sentimento benigno, que exprime afeto e carinho, pode exprimir também a violência e que pode existir de si para si próprio.

No Romance de Tristão e Isolda, encontramos um amor que surge por meio de forças externas, através de sortilégios, como é o caso do filtro mágico que a mãe de Isolda prepara para que ela se apaixone por seu futuro esposo o Rei Marcos, “[...] a rainha, sua mãe, colheu ervas, flores e raízes, misturou-as com vinho, fazendo uma beberagem poderosa. Finalizando-a com ciência e mágica, [...]”. (ABRANTES, 2011, p. 33).

A tal bebida mágica, é confiada a proteção da jovem Brangien, serva de Isolda, mas a mesma não consegue evitar que os amantes a tomem, com isso, eles tomam-se por grandioso sentimento ao beber da poção, logo, esse sentimento este que viria a trazer-lhes inúmeras dores, pois o amor entre os dois era proibido. Mas o sentimento é maior que qualquer coisa e eles acabam se rendendo um para o outro.

De acordo com o pensamento de Paz (1914, p. 59) “o amor pode ser considerado como um tipo de aposta pela liberdade do outro e não a própria”. É como ocorre em Tristão e Isolda, quando o jovem se culpa por ter feito sua amada passar por tantas dificuldades consigo e tê-la feito perder todas as suas regalias, daí então passa a pensar em devolvê-la ao Rei Marcos e, assim, torná-la livre de todo aquele sofrimento.

Que fiz eu da sua mocidade? Em vez das almofadas bordadas de ouro, dou-lhe esta floresta. Uma choupana em vez dos ricos brocados. É por minha causa que ela segue por esse caminho. Oh, Deus, Senhor do mundo, imploro por Sua compaixão e suplico-Lhe que me dê forças para devolvê-la. Ela é sua esposa, casada segundo a lei de Roma, perante todos os homens poderosos de sua terra. (ABRANTES, 2011, p. 72).

Nesta linha de raciocínio, Octavio Paz tenta conceituar o amor da seguinte forma: “O amor é o reconhecimento, da pessoa amada, desse dom do vôo que distingue todas as criaturas humanas.” (PAZ, 1914, p. 87). Para ele o amor é um sentimento nobre, um sentimento puro.

Voltando nosso olhar para a história do amor em Tristão e Isolda, assim como o conhecemos hoje, o amor existente entre duas pessoas. Ele surge em meados da época medieval e, mais precisamente no Ocidente, a partir de trovas cantadas pelos trovadores da época, estes segundo Campbell (1990) são considerados os primeiros a pensarem no amor tal qual o temos atualmente.

Assim, pelos olhos, o amor atinge o coração:
 Pois os olhos são os espíões do coração.
 E vão investigando
 O que agradaria a este possuir.
 E quando entram em pleno acordo
 E, firmes, os três em um só se harmonizam,
 Nesse instante nasce o amor perfeito, nasce
 Daquilo que os olhos tornaram bem-vindo ao coração.
 O amor não pode nascer nem ter início senão
 Por esse movimento originado do pendor natural.
 Pela graça e o comando
 Dos três, e do prazer deles,
 Nasce o amor, cuja clara esperança
 Segue dando conforto aos seus amigos.
 Pois, como sabem todos os amantes
 Verdadeiros, o amor é bondade perfeita,
 Oriunda – ninguém duvida – do coração e dos olhos.
 Os olhos o fazem florescer; o coração o amadurece:
 Amor, fruto da semente pelos três plantada. (BORNEILH apud CAMPBELL, 1990, p. 195).

Por meio desta trova medieval, evidenciamos um amor que surge por vias naturais, um amor que surge da troca de olhares, sendo os olhos a porta de entrada deste sentimento, guiando-o até o coração, onde se engrandece e torna os indivíduos apaixonados.

Partindo dos estudos acerca do amor em si, encontramos ainda em Campbell (1990) outras teorias/tipos relacionados ao referido termo, sendo eles o amor Eros e o amor Ágape.

O primeiro está relacionado ao desejo sexual, consiste, pois num impulso puramente biológico, já o segundo relaciona-se ao amor espiritual, podemos relacioná-lo ao que está descrito nas Sagradas Escrituras, amai ao próximo como a si mesmo, imprimindo aí sua ligação ao campo da religiosidade.

Em contrapartida, o amor Ágape também segue por caminhos não religiosos, como podemos ver no romance de Tristão e Isolda, quando Tristão, mesmo nutrindo um grande amor por Isolda, resolve devolvê-la ao Rei, para que ela voltasse a ter melhores condições de vida, retornando a vida como rainha, evidenciamos, portanto, um amor Ágape que não está ligado a religião.

Podemos dizer que, para que haja um amor verdadeiro e, ao mesmo tempo, recíproco, deve-se haver a união entre o amor Eros e o amor Ágape, ou seja, deve haver o desejo, o interesse pelos prazeres, assim como também, o respeito, a lealdade, a troca de experiências prazerosas entre os amantes.

Em relação ao amor propriamente dito “[...] temos um ideal puramente pessoal. Aquela espécie de arrebatamento que deriva do encontro dos olhares, [...] é uma experiência entre duas pessoas.” (CAMPBELL, 1990. p. 197). Podemos enunciar, então, que o amor surge com a troca de olhares entre duas pessoas, estas sentem-se ligadas por mais puro sentimento, aquele sentimento cantado pelos trovadores.

No entanto, nem sempre isso ocorreu, pois o amor nem sempre foi visto dessa forma romantizada, como é sabido, antigamente as pessoas se uniam em matrimônio de forma arranjada, as pessoas não se conheciam, deste modo não existia amor, eles não se apaixonavam na troca de olhares, o amor, talvez surgisse com a convivência, com a troca de experiências.

É como podemos perceber no Romance de Tristão e Isolda, pois a jovem tem seu destino direcionado ao Rei Marcos, da Cornualha, tio do jovem Tristão, sendo que os dois nunca se viram antes, assim, não havia como nutrirem sentimento algum um pelo outro, com isso, a mãe da jovem prepara uma poção do amor (o filtro mágico, citado anteriormente).

Deste modo, vemos aí que o amor de Isolda passa a ser do jovem Tristão, mas como fora prometida ao Rei, casa-se com ele, mas não demonstra nenhum tipo de sentimento, pois em seu íntimo deseja o amante. Então consiste, pois, num casamento de aparências, não há um amor verdadeiro, mas como foi arranjado deveriam cumprir com seus desígnios, corroborando, assim, com os moldes medievais. Sobre o verdadeiro matrimônio Campbell (1990) discorre que:

[...] é aquele que brota da descoberta da identificação com o outro, e a união física é apenas o sacramento pelo qual isso é confirmado. A coisa não se dá no sentido contrário, do interesse físico que depois se torne espiritualizado. Começa com o impacto espiritual do amor – o Amor. (CAMPBELL, 1990, p. 200).

Mais uma vez vemos à ideia de amor como sendo de descoberta do outro, da identificação com este outro, e como dito pelo autor acima citado, o amor tem início com o próprio amor.

Ressalta-se à ideia casamento pela ótica de Campbell (1990) em que casamento se diferencia de casos de amor, pois o casamento é algo sério, é algo para a vida, e acontece quando duas pessoas se amam a ponto de terem uma vida

juntos, já casos de amor é algo passageiro, seu objetivo maior é o prazer, uma vez que não existe o prazer, este se acaba.

O casamento, como já citado anteriormente, era feito a partir de interesses que iam totalmente contra o amor entre as pessoas, eram baseados em “interesses políticos, econômicos e sociais” (Paz, 1914. p. 72), mas com o tempo a coisa foi mudando de figura, pois com a ascensão da mulher, ou melhor, quando a mulher passa a exercer ofícios exteriores à suas casas, o casamento passou, então, a ser conversado não mais exclusivamente pelos chefes de família, havendo agora a participação dos noivos.

Outro fato marcante na história do amor é a presença da Igreja, pois os casamentos arranjados, geralmente, seguiam os preceitos da referida instituição e tinham todo um interesse político e social por trás de cada casamento. O amor entre pessoas não prometidas uma à outra era considerado como um grave pecado.

No Romance de Tristão e Isolda, os dois sabiam que seriam castigados por tal pecado que cometiam, sabiam que com a poção bebiam o amor, mas também a morte, uma vez que não poderiam viver como casal, em toda a trama seus destinos seguem por caminhos diferentes, mas o amor sempre volta a uni-los.

Desse modo, Campbell (1990) enaltece a ideia do amor advinda dos trovadores, o amor que surge através dos olhares mútuos, o amor como sendo o real sentido da vida, “Assim, pelos olhos, o amor atinge o coração:/ Pois os olhos são os espiões do coração.” (CAMPBELL, 1990. p. 205).

O amor vem de Deus, portanto ele é divino e o amor, quando verdadeiro, não conhece a dor, dessa forma podemos estabelecer um novo elo com o Romance de Tristão e Isolda, pois o jovem não teme a dor da morte, quando descobre que bebera-a, ao mesmo tempo, que bebera o amor, pois se tivesse o amor de Isolda, ele já estaria satisfeito e enfrentaria todos os obstáculos que surgissem no caminho.

Dentre as várias teorias do amor já retratadas nesta pesquisa, encontra-se em Paz (1914) o amor cortês, este corresponde a um amor verdadeiro, um amor romântico, maior que qualquer outro, não existindo interesse pela mera procriação, “[...] Um amor que não tinha por fim nem o mero prazer carnal nem a reprodução.” (Paz, 1914. p. 70). Era, pois um amor puro, é o chamado *fin’amors*.

O amor cortês, também vai contra o que ditava a Igreja e para as pessoas que o seguiam o amor sem casamento era sagrado, diferente do casamento, propriamente dito, que o viam como forma de escravizar a figura feminina e condenava também o amor carnal, caso este não fosse realizado sem o intuito de procriar.

A Igreja condenava a união carnal, mesmo dentro do casamento, se não tivesse como fim declarado a procriação. O ‘amor cortês’ não só era indiferente a essa finalidade como seus ritos exaltavam um prazer físico ostensivamente desviado da reprodução. (PAZ, 1914. p. 85).

Voltando a questão inicial, como surge o amor? Como ele pode surgir nas pessoas? Vimos vários conceitos e teorias sobre o termo, mas de onde ele veio? como apareceu? Para enfim respondê-las ancoramo-nos nos dizeres das palavras de Paz (1914) que afirma em seus estudos sobre a Pré-História do amor que “o amor nasce de uma atração involuntária que nosso livre-arbítrio transforma numa ação voluntária.” (PAZ. p. 68).

Seguindo essa linha de pensamento, surgiu a necessidade de abranger, também, o conceito de paixão e de como esta se relaciona com o amor propriamente dito. Para conceituá-la utilizamos das informações apresentadas pelo Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa (2010):

Paixão s. f. 1. Sentimento forte e profundo. 2. Afeto violento; amor ardente. 3. Grande afeição; gosto exagerado. 4. Entusiasmo, calor. 5. O objeto de amor ardente, de grande afeição. 6. Vício que domina. 7. Prevenção, parcialidade. 8. FILOS Impressão recebida de um agente. 9. Sofrimento prolongado, martírio que sofreu Cristo e alguns santos. (RIOS, 2010. p. 381).

A partir de tal conhecimento, podemos perceber que a paixão, de certo modo, se diferencia do conceito de amor, mas está totalmente relacionada ao mesmo, pois da paixão podem surgir outros sentimentos, como o próprio amor e o seu oposto o ódio, ambos são frutos de uma paixão.

Nesse contexto, encontramos na obra de Gérard Lebrun (2009), a qual apresenta o conceito de paixão como sendo um termo semelhante a uma tendência, uma tendência capaz de comandar a mentalidade do ser humano.

Dessa forma, a paixão teria aí a capacidade de dominar o sujeito, uma vez que ela desperta o desejo por outrem e isto tende a nos controlar de modo improvisado: “[...] A paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é então o sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro.” (LEBRUN, 2009. p. 12).

Esse sentimento passional que faz com que o indivíduo aja de maneira impulsiva é o mesmo sentimento que encontramos em Tristão e Isolda. Mesmo tomados por um amor proibido, os jovens sempre encontravam uma forma de se encontrarem, pois o desejo era muito forte e eles não conseguiam lutar contra este sentimento, é como podemos ver no seguinte momento:

[...] E então, todas as noites, Tristão, avisado por Brangien, cortava com arte pedaços de casca das árvores e folhagem. Pulava as estacas pontudas e, chegando sob o pinheiro, lançava à fonte as cascas de árvore e os galhos, os quais, leves como espuma, boiavam e, deslizando com a corrente, iam até o castelo, até o aposento das damas. Isolda observava a vinda desses mensageiros, e quando Brangien conseguia afastar o Rei Marcos e os intrigantes, ela ia logo ao encontro do seu amigo. (ABRANTES, 2011. p. 45).

Percebe-se, que o desejo, ou seja, a paixão que os amantes nutriam um pelo outro era, como dito antes, muito forte, e mesmo assim não temiam o perigo, agiam por impulso, o sentimento não permitia que sentissem medo de serem descobertos, ou pelo menos o encobria.

Portanto, para Lebrun (2009) encontramos ainda o termo paixão relacionado a pulsões, deste modo, o nosso agir depende dessas pulsões e estas nos norteiam, dando estilo a nossas personalidades. Assim, a paixão é quem, de certa forma, nos movimenta a este sentimento.

3 METODOLOGIA

Para a realização da referida produção, levamos em consideração o conceito de pesquisa apresentado por Lakatos e Marconi (2003, p. 155) como sendo um “procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Contudo, nossa pesquisa foi de cunho descritivo-

analítico por meio de estudos analíticos de teorias relacionadas ao tema aqui tratado.

A necessidade de realizar um estudo acerca do amor/paixão, assim como também, dos elementos místicos presente no Romance de Tristão e Isolda, se deu a partir do interesse em analisar como tais aspectos estão contrapostos na obra, além de estabelecer um vínculo histórico com a época retratada na referida narrativa,

Levamos em consideração o contexto histórico literário da época medieval celta, por meio do qual evidenciamos características próprias deste tempo, em que havia a presença de mitos e aspectos mágicos, além da literatura abordar temas contrários às ordens sociais e religiosas.

Desse modo, buscamos contribuições teóricas para uma complementação das ideias abordadas quanto aos estudos acerca do amor, sob a perspectiva de Octávio Paz (1914), Joseph Campbell (1990) e Gérard Lebrun (2009). Enquanto que, para nossas interpretações analíticas nos direcionamos para os estudos de Jacques Le Goff (2011), Denis de Rougemont (2003), José Miguel Wisnik (2009), Maria Nazareth de Barros (2001) e Hilário Franco Júnior (1996).

Em relação a metodologia utilizada na pesquisa, mais precisamente no que diz respeito a sua abordagem, esta foi classificada como qualitativa, levando em consideração os dizeres de Prodanov e Freitas (2013) quando afirmam que a:

Pesquisa qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Desse modo, a pesquisa qualitativa não se restringe a números estatísticos, ela se preocupa com a interpretação e análise dos fenômenos pesquisados de modo indutivo. Além disso, nossa pesquisa se fez por meio de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Lakatos e Marconi (2003):

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

Levando em consideração essa linha de pensamento, percebemos que a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador acessar diversas fontes textuais ou filmográficas para basear-se e assim formular e/ou complementar suas ideias e conhecimentos.

3.1 Etapas da pesquisa

Logo após o levantamento e estudos dos materiais bibliográficos, seguimos para a análise e, em contrapartida, para o confronto dos dados obtidos por meio da pesquisa que foram distribuídos da seguinte maneira:

- 1) Leitura e coleta de dados na obra *Tristão e Isolda: lenda medieval celta de amor*, de Fernandel Abrantes;
- 2) Pesquisa bibliográfica sobre o tema a ser analisado que foram desenvolvidos: a questão do amor, seus conceitos e historicidade;
- 3) Pesquisa e leitura de algumas bibliografias sobre o amor/paixão e sobre os aspectos mitológicos presentes no Romance de Tristão e Isolda;
- 4) Processo analítico dos resultados obtidos no decorrer da pesquisa em confronto com o material bibliográfico sobre o tema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para darmos início a nossas análises, faz-se necessário situar o(s) leitor(es) quanto a historicidade do Romance de Tristão e Isolda, que provém da cultura medieval céltica, ganhando força por volta do século XII, no continente europeu. O mito de Tristão e Isolda consiste numa produção que possui variadas versões, cada uma conta a história de uma forma, o que diferencia uma versão da outra.

Por se tratar de uma história que era contada por vias da oralidade e seu texto original ter se perdido no fluxo do tempo, o romance/lenda foi passando por alterações. Dessa forma, cada autor que escreveu algo sobre a obra, a escreveu de diferentes modos, mas mantendo o foco no real sentido do amor entre Tristão e Isolda.

Ressaltamos que a obra analisada será de Fernandel Abrantes (2011) intitulada de: *Tristão e Isolda: lenda medieval celta de amor*. Para sua produção o escritor se baseou, dentre algumas outras versões, na produção do escritor Thomas Beróul, que foi um trovador do século XII. Para uma melhor retomada ao Romance, traçaremos um breve resumo dos principais acontecimentos que norteiam o amor dos jovens amantes.

Tristão é filho de Rivalen e Brancaflor, mas seu pai morre em combate antes mesmo do filho nascer, a partir deste trágico acontecimento, sua mãe é tomada por uma profunda tristeza. É por esta tristeza, que ao nascer, a criança recebe o nome de Tristão.

Filho, muito tempo faz que desejei ver-te, e agora vejo a mais bela criatura que alguma mulher concebeu. Triste, porém, dou-te à luz; triste é a primeira festa que te faço e, por sua causa, quase morro de tristeza. Como ao mundo vieste na tristeza, terás o nome de Tristão. (ABRANTES, 2011, p. 12)

No fragmento supranarrado, vemos o momento em que Brancaflor dar à luz a seu filho, e confirma seu nome, de Tristão, porque ele nasce em meio a dor e a tristeza. Ao proferir estas palavras ela beija seu primogênito e morre, deixando Tristão órfão.

Desse modo, Tristão passa a ser criado pelo Rei Marcos, irmão de sua mãe e Rei da Cornualha e treinado por Gorvenal, descrito como o bom escudeiro, Tristão cresce aprendendo as artes dos cavaleiros, artes de combate e de defesa, tornando-se um guerreiro, descrito na obra como forte e temido pelos demais homens.

[...] Ensinou-lhe Gorvenal, em poucos anos, as artes que são convenientes aos barões. Ensinou-lhe a manejar a lança, a espada, o escudo e o arco, a lançar os discos de pedra, a transpor de um salto os mais largos fossos; ensinou-lhe a detestar toda mentira ou felonía, a socorrer os fracos, a manter palavra dada; ensinou-lhe as diversas formas de canto, a tocar harpa e ainda a arte de caçar; e, quando a criança cavalgava entre moços escudeiros, dir-se-ia que seu cavalo, suas armas e ele mesmo formavam um só corpo, que nunca fora separado. (ABRANTES, 2011, p. 12).

Quando jovem, Tristão luta contra o Morholt, um gigante que vinha da Irlanda em busca de pagamento de tributo de moças e rapazes para servirem ao seu rei e, neste momento, Tristão põe-se em duelo com o gigante e o vence, mas em contrapartida, machuca-se com a espada do oponente que estava envenenada e o jovem começa a definhar.

Estando à beira da morte, sem esperança de sobreviver, é posto ao mar, numa embarcação sem remos e sem velas, levando consigo apenas sua harpa. Ele é levado até a costa da Irlanda, onde é encontrado por pescadores que, vendo a gravidade dos ferimentos, levam-no para a dama, única capaz de curar o enfermo, a dama era Isolda, a Loura, dos cabelos de ouro.

[...] Recolheram-no os pescadores e voltaram ao porto, para entregar o ferido à piedosa dama de todos eles, a qual talvez o conseguisse curar. Mas, ah, infelicidade, este porto era Weisefort, onde fora enterrado o Morholt, e a dama era Isolda, a Loura. Só ela, hábil na arte dos filtros, poderia salvar Tristão; mas também só ela, entre as mulheres queria a morte dele. (ABRANTES, 2011, p. 21).

Sabendo que estava em terras inimigas o jovem oculta seu nome e Isolda por meio de seus conhecimentos sobre ervas e na arte dos filtros, consegue curá-lo, ao encontrar-se totalmente curado, o jovem Tristão parte de volta para a Cornualha.

Com o passar dos tempos, os barões do rei Marcos sugerem que o mesmo arrume uma esposa – eles tinham receio de que Tristão ficasse com toda a herança do rei – e com tanta insistência ele resolve casar-se, nesse percurso surgem duas aves no castelo carregando um fio de cabelo da cor de ouro e Tristão o reconhece, só poderia ser de Isolda.

Com essa passagem das aves, observamos uma das características do maravilhoso medieval, que são as metamorfoses dos seres humanos, o que era comum ocorrer nas narrativas celtas. Ora, cabe aqui dizer que as duas aves eram então Isolda e Brangien, que transformadas em pássaros, iam atrair o jovem Tristão.

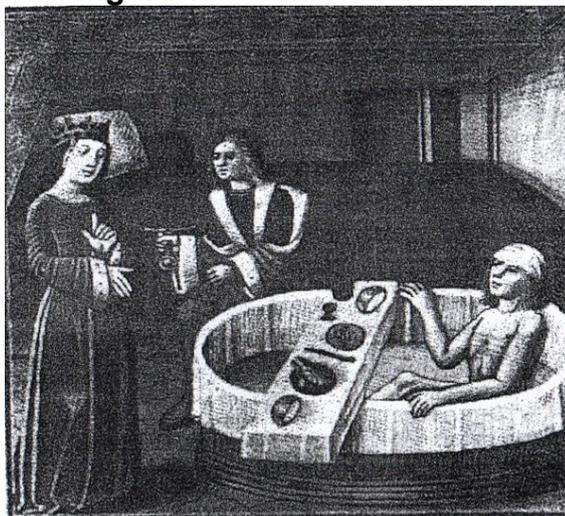
[...] Isolda e Brangien, metamorfoseadas em andorinhas, aparecem no palácio de Marc trazendo o fio de cabelo de Isolda, para que Tristão pudesse reconhecê-lo e retomar à Irlanda. Este era um tema comum na mitologia irlandesa, a deusa metamorfoseada em pássaro partia em busca do homem amado com a intenção de fazê-lo retornar ao Outro Mundo e encontrá-la. (BARROS, 2001. p. 300).

Portanto, podemos perceber com a fala de Barros (2001) que Isolda, mesmo desconhecendo seu nome, passa a sentir um sentimento amoroso por Tristão, pois

transforma-se em ave para atraí-lo à suas terras, para que pudessem se reencontrar e, talvez, pudessem efetivar esse amor, porém esse amor não efetivado.

Com isso, Tristão parte novamente rumo à Irlanda para conseguir a mão da jovem, mas precisa enfrentar um novo duelo, desta vez, com um dragão que há muito perturba os irlandeses. Tristão sai vitorioso, mas outra vez é ferido perigosamente e tratado pelas mãos de Isolda que descobre sua real identidade e tenta matá-lo durante o banho, como vingança, mas ao revelar sua missão, ela desiste de tal feito.

Figura 1: O banho de Tristão.



Fonte: (ABRANTES, 2011, p. 29).

Na Figura 01, vemos que Tristão consegue a mão de Isolda, mas afirma que ele havia lutado por seu Rei, com isso, conduziria à dama para casar-se com ele. Isolda se decepciona, pois começa a criar sentimentos pelo jovem, mas o mesmo levaria ela para outro. A partir desse momento, a mãe de Isolda prepara uma poção – o filtro mágico – que deveria ser tomado pelos noivos, para que se apaixonassem um pelo outro.

[...] ela a pôs em um frasco e disse em segredo a Brangien [...] pega este frasco, esconde-o a fim de que ninguém o veja nem beba do seu conteúdo. Mas, quando chegar a noite nupcial e o instante em que o casal deve ficar sozinho, servirás este vinho em uma taça, para que eles bebam juntos, o Rei Marcos e a Rainha Isolda. Mas, cuidado! Que apenas eles bebam esse licor, pois esta é a sua propriedade: os que juntos o beberem irão se amar com todos os seus sentidos e seu pensamento, para sempre, na vida e na morte. (ABRANTES, 2011, p. 33).

No entanto, nos deparamos com uma reviravolta na narrativa, pois ao navegarem à Cornualha, os jovens sentem sede e não encontram água para saciarem, assim, encontram apenas a bebida feita pela mãe de Isolda e acabam tomando-a, neste momento, os dois apaixonam-se, mas se evitam por um tempo.

Por muito tempo eles se encontram escondidos, mas acabam sendo descobertos e são ameaçados de morte pelo rei Marcos e, logo, fogem para viver juntos na floresta do Morois. Vivem por um longo tempo até chegarem a ser surpreendidos por Marcos, mas este não faz mal algum para eles, pois encontram-

nos dormindo com uma espada entre os corpos, o que demonstrava castidade, o Rei apenas troca a espada, colocando a sua no lugar.

O sol, atravessando a cabana, deixava dourada a face branca de Isolda. O rei pegou suas luvas ornadas de arminho. Pensou: “Foi ela que me trouxe da Irlanda”. Na folhagem colocou-as, a fim de que tampassem o buraco por onde descia o raio de sol. Depois, retirou suavemente o anel que havia dado a Isolda. Então, fora preciso forçar um pouco para que entrasse, mas agora seus dedos estavam tão magros que saiu com facilidade. Em seu lugar, o rei pôs o anel que ela o presenteara outrora. Depois tirou a espada que separava os amantes. Ele reconheceu que era a mesma espada que havia ferido a cabeça do Morholt e pôs a sua em seu lugar [...]. (ABRANTES, 2011, p. 69).

Ao acordarem, descobrem que Marcos os flagrara e os dois começam a ser tomados por pensamentos de arrependimentos e propõem a separação, assim o fazem “[...] Então, veio Tristão até a rainha e disse-lhe adeus. Olharam-se. Nesse olhar tudo disseram” (ABRANTES, 2011, p. 80). Isolda volta para sua vida de Rainha e Tristão parte para terras longínquas, os amantes passam a se encontrar raramente.

Tristão casa-se com Isolda, não a Loura, mas sim a das Mãos Alvas, filha do rei de Carhaix, mas não consume o casamento, pois ainda deseja sua amante. Para tanto, o jovem é acometido por uma flecha envenenada e começa a viver seus últimos dias de vida.

[...] Tristão só piorava, e o veneno se espalhara por seu corpo. Tornou-se lívido, e os ossos começaram a aparecer. Sentiu que lhe fugia a vida e compreendeu que ia morrer. Quis, então, rever Isolda, a Loura. Mas como ir até ela? Tão fraco estava que o mar o mataria; mas, se, porventura, chegasse a Cornualha, como escapar de seus inimigos? Em vão lamentava o veneno e esperava a morte. (ABRANTES, 2011, p. 121).

Com isso, ele então pede para seu cunhado e grande amigo Kaherdin que vá buscar sua amada, pois queria vê-la antes de morrer. Kaherdin cumpre com o pedido do seu amigo e combinam de pôr uma vela branca caso venha com Isolda, caso contrário, colocaria uma vela preta, assim, Isolda das Mãos Alvas, tomada por ciúmes, afirma que o barco está retornando, porém com a vela preta.

Foi aí que Isolda das Mãos Alvas se vingou. Ela chegou ao leito de Tristão e lhe disse:

- Amigo, Kaherdin está perto. Vi a nave no mar; avança com dificuldade, mas reconheci-a. Possa ele trazer o que vos deve curar!

Tristão estremeceu:

- Boa amiga, estais certa de que é a sua nau? Dizei-me como é a vela.

- Eu a vi. Eles abriram e içaram bem alto, porque há pouco vento. Ela é toda negra. (ABRANTES, 2011, p. 126).

Tristão ao ouvir o que dizia sua “mulher” entrega-se a morte, Isolda a Loura, ao chegar no local, precipita-se sobre o corpo do amante o beija e morre junto a ele. E, assim, morrem os dois, ele por ela e ela por ele.

Junto de Tristão, Isolda das Mãos Alvas, desesperada pelo mal que causara, dava grandes gritos sobre o cadáver. A outra Isolda entrou e disse-lhe:

- Senhora, levantai-vos e deixai que me aproxime. Tenho mais direito a chorar do que vós; acreditai-me: eu o amei mais.

Voltou-se para o Oriente e orou a Deus. Depois, descobriu um pouco o corpo, estendeu-se junto dele. Beijou-lhe a boca e a face e abraçou-o, apertado: corpo contra corpo, boca contra boca, e morreu com ele, pela morte de seu amigo. (ABRANTES, 2011, p. 128).

Esse amor trágico consiste num marco das antigas lendas Celticas, pois era comum a existência desse amor intenso que carrega consigo o final trágico da morte. Nesta perspectiva, Rougemont (2003) afirma que o Mito de Tristão:

Amor e morte, amor mortal: se isso não é toda poesia, é, ao menos, tudo o que há de popular, tudo o que há de universalmente emotivo em nossas literaturas; em nossas mais antigas lendas e em nossas mais belas canções. O amor feliz não tem história. [...] O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso. É menos o amor realizado do que a *paixão* de amor. (ROUGEMONT, 2003. p. 24).

Vemos que esse amor trágico foi popular na época, a poesia estaria presente nessas narrativas de amor proibido, de um amor sofrido. Seguindo esta linha de pensamento, o autor argumenta que “Só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida” (ROUGEMONT, 2003. p. 24) evidenciando, assim, a existência de romances trágicos, isto é, não havia um amor que levasse ao final feliz, mas sim à morte.

4.1 O Mito do amor

Para abarcarmos o mito em sua essência, utilizaremos a contribuição de Rougemont (2003) quando ele caracteriza o Romance de Tristão e Isolda como sendo “um grande mito europeu do adultério” (ROUGEMONT, 2003. p. 27), pois a narrativa evidencia o adultério, fugindo dos preceitos religiosos da época, em que o casamento era algo a ser seguido fielmente.

Como sendo um marco da época, a oposição aos dogmas religiosos, o Romance de Tristão e Isolda surge contrariando estes preceitos, abordando uma paixão surgida por feitiços, paixão esta enlouquecedora, que leva ao adultério, levando o leitor a criar expectativas no romance dos amantes, ou seja, o leitor passa a valorizar, de certo modo, o próprio adultério.

Para conceituarmos o mito, propriamente dito, vamos utilizar das palavras de Rougemont (2003), quando ele tenta conceituar o mito de maneira geral:

Poderíamos dizer, de um modo geral, que um mito é uma história, uma fábula simbólica, simples e tocante, que resume um número infinito de situações mais ou menos análogas. O mito permite a identificação imediata de determinados tipos de *relações constantes*, destacando-os do emaranhado das aparências cotidianas. (ROUGEMONT, 2003, p. 28).

Podemos afirmar que o mito está relacionado a uma tradição – no sentido de ser passado por gerações – vemos que o Romance de Tristão e Isolda pode ser considerado um mito pelo simples fato de não se ter um autor definitivo, pois como a história foi se propagando pela oralidade, não se tem uma versão definitiva oficialmente reconhecida, o que temos são variadas versões que apresentam semelhanças e também diferenças, mantendo o foco no amor dos amantes.

Num sentido mais restrito, os mitos traduzem as *regras de conduta* de um grupo social ou religioso. Eles têm origem, portanto, no elemento *sagrado* em torno do qual se constituiu o grupo. (Narrativas simbólicas da vida e da morte dos deuses, lendas que explicam os sacrifícios ou a origem dos tabus, etc.) Já se observou com frequência: um mito não tem autor. Sua origem deve ser *obscura* – até mesmo o seu sentido o é, em parte. Ele se apresenta como expressão inteiramente anônima de realidades coletivas ou, mais exatamente, comuns. A obra de arte – poema, conto ou romance – distingue-se, portanto, radicalmente do mito. O importante nas obras de arte é precisamente aquilo que não tem importância no mito: sua “beleza” ou sua “verossimilhança” e todas as qualidades singulares que a consagram (originalidade, habilidade, estilo, etc.). (ROUGEMONT, 2003, p. 28-29).

Seguindo por esse pensamento, além do mito propriamente dito, o Romance em questão proporciona ao seu leitor variados objetos/figuras imagéticas que apresentam um certo misticismo, pois passam a ter funções mágicas na narrativa, como tentaremos descrever a seguir.

4.1.1 O elemento: Mar

Toda a narrativa do romance de Tristão e Isolda se desenrola no mar, o que o torna um componente muito importante na obra, pois é o mar que une e ao mesmo tempo desune os jovens amantes, além de ser no mar onde os dois bebem o filtro mágico e se apaixonam perdidamente.

Dentre os momentos em que o mar apresenta-se como sendo um elo de ligação, ao mesmo tempo em que demonstra distanciamento, podemos citar o seguinte:

- Senhores, matei o Morholt, mas atravessei o mar para vos oferecer uma reparação. Para vos compensar do malfeito, pus meu corpo em perigo de morte e do monstro vos libertei, conquistando assim a loura e bela Isolda! Assim, havendo-a conquistado, levá-la-ei em minha nau. Todavia, para que nas terras da Irlanda e da Cornualha não haja mais ódio, mas amor, saibei que o Rei Marcos, meu senhor, irá desposar Isolda. (ABRANTES, 2011, p. 32).

Com esse fragmento percebemos que o mar se apresenta como elemento que une os jovens, porém, em contrapartida, ele se mostra como o causador da desunião, pois ao lutar em batalha pela mão de Isolda (união) Tristão consegue sua mão para o Rei Marcos (desunião), ou seja, ao mesmo tempo juntos e distantes um do outro.

Seguindo por essa linha de raciocínio, podemos dizer que o mar está presente nos principais momentos do Romance, o primeiro é quando, por meio dele, Tristão é levado como prisioneiro por mercadores noruegueses. Neste momento, vemos na figura do mar, uma certa magia, pois acreditava-se que o mar agia contra qualquer malfeito e castigava todos os que praticavam o mal.

Mas é comprovada verdade (e sabem-na todos os marinheiros) que o mar sustenta de má vontade as naves traidoras e não dá ajuda a raptos e felonias. Dessa forma, levantou-se furioso o oceano, envolveu o navio de trevas e por oito dias e oito noites o lançou ao léu. Por fim, os marinheiros perceberam, através da bruma, uma costa cercada de arrecifes e rochedos, onde o mar os queria jogar. (ABRANTES, 2011, p. 13).

Evidenciamos, desse modo, que o mar encobre-se de fúria contra a embarcação dos noruegueses e o misticismo relacionado ao mar está presente, justamente, quando o mesmo se revolta, cobrindo de trevas o navio, os noruegueses, são então castigados, enfrentando a tormenta do oceano.

Ao verem e sentirem a poderosa fúria do mar, os noruegueses se arrependem e resolvem libertar o menino, colocam-no numa pequena embarcação que ancora em uma praia da Cornualha.

Arreponderam-se, reconhecendo que a fúria do mar provinha de levarem a criança roubada, e fizeram promessa de a libertar, preparando um barquinho para a depositar em terra. Logo os ventos sossegaram, bem como as ondas, o céu brilhou, e, enquanto a nau dos noruegueses desaparecia ao longe, as ondas mansas e alegres levaram à areia da praia o barquinho de Tristão. (ABRANTES, 2011, p. 13).

Ao se arreponderem, os malfeitores libertaram o menino, puseram-no numa pequena embarcação que navegou até a costa de uma praia na Cornualha, reino do Rei Marcos, com isso, o mar tranquiliza-se como forma de demonstração de perdão aos noruegueses: “Logo os ventos sossegaram, bem como as ondas, o céu brilhou [...]” (ABRANTES, 2011. p. 13).

Outro momento é a viagem de Tristão para a ilha de Saint-Samson, onde realizou um combate contra o gigante Morholt da Irlanda, que vencendo-o acaba por se ferir com a espada do inimigo, ficando entre a vida e a morte por meio do veneno advindo da cuja espada.

A partir daí, definhando entre a vida e a morte, Tristão é posto num barco sem remo e sem velas no oceano, para que o mar seja o guia do seu destino. “[...] Segundo a tradição celta uma pessoa desenganada jogava seu destino ao mar (que a levaria à perdição definitiva ou à salvação).” (WISNIK, 2009. p. 225).

Figura 2: Tristão é posto num barco ao mar.



Fonte: *Tristão & Isolda* (FILME, 2006), 00:26:22.

São as águas do mar que, mais uma vez, guiam Tristão para as terras da Irlanda, onde conhece a jovem Isolda, a Loura, quem juntamente com sua mãe preparam alguns filtros com ervas para a cura do jovem.

Tristão atravessa o oceano mais uma vez, desta vez para conseguir a mão de Isolda para ser desposada pelo Rei Marcos, nesta situação acaba enfrentando um dragão e é acometido novamente por envenenamento, ficando mais uma vez sob os cuidados de Isolda, que descobre sua verdadeira identidade.

[...] Reparou na forma do entalhe: não seria esta a lâmina que se quebrou na cabeça do Morholt? Hesitou, olhou, quis confirmar sua suspeita. Correu à câmara em que guardara o fragmento de aço, outrora retirada do crânio do tio. Juntou o pedaço de metal à brecha do ferro: mal se distinguia o sinal da quebradura.

Então, precipitou-se ela contra Tristão e, volteando a grande espada sobre a cabeça do ferido, exclamou:

- Sois Tristão de Loonnois, o matador do Morholt, meu querido tio. Então, morre, por vossa vez. (ABRANTES, 2011, p. 28).

Dando seguimento vemos um outro momento sobre a imagem do mar, trata-se, pois, do retorno do jovem à Cornualha, neste momento temos, a nossa ótica interpretativa, o momento principal acerca da magia do Romance, pois é quando os dois bebem o “filtro mágico”, o filtro do amor – nos deteremos sobre este item posteriormente – e se apaixonam enlouquecidamente.

Certa vez, os ventos pararam, e as velas pendiam ao longo dos mastros. Tristão mandou que parassem em uma ilha próxima. Cansados do trabalho do mar, que tanto cansa, os cavaleiros da Cornualha e os marinheiros saíram em terra. Só Isolda ficara a bordo com uma pequena serva. Tristão aproximou-se da rainha, procurando sossegar-lhe o coração. O sol estava ardente, ambos ficaram com sede e pediram de beber. A serva procurou o que lhes trazer e achou o frasco confiado a Brangien pela mãe de Isolda. “Achei vinho!”, disse-lhes ela. Mas não era vinho: era a paixão, era a cruel alegria e a angústia sem fim, era a morte. A serva encheu uma taça e apresentou-a à sua senhora, a qual bebeu longos sorvos, e ofereceu depois o resto a Tristão, que a esvaziou. (ABRANTES, 2011, p. 36).

Dessa forma, com a ingestão do filtro mágico, é que os jovens são, de fato, acometidos por um forte sentimento amoroso, sentimento este que, como citado anteriormente, já existia de forma superficial, mas ao tomarem a tal bebida se apaixonam perdidamente um pelo outro.

Depois do momento do filtro, a figura do mar só volta a aparecer quando Tristão, separado de sua amante, parte para outras terras, na tentativa de escapar do sofrimento com qual se encontra, o de não ter consigo sua amada Isolda.

Separados, não podiam os amantes nem viver, nem morrer. Pelos mares, as ilhas, as terras, Tristão gostaria de fugir ao seu sofrimento. Reviu Loonnois, sua terra natal, onde Rohald o recebeu como filho, com lágrimas de ternura. Porém, não podendo viver no repouso de sua gente, Tristão prosseguiu por ducados e reinos, procurando aventuras. De Loonnois a Frísia, de Frísia a Gavoia, da Alemanha à Espanha, serviu a muito senhor, muitas façanhas realizou. Mas, durante dois anos, nenhuma notícia lhe chegou da Cornualha, nenhum amigo, nenhum mensageiro. (ABRANTES, 2011, pp. 97).

Em suas viagens, Tristão chega às terras da Bretanha, mais precisamente em Carhaix, lugar onde encontra a outra Isolda, a das Mãos Alvas, com quem se casa, mesmo sem nutrir sentimento algum por ela e, assim, não consumando o casamento, afirmando ter feito um voto à mãe de Deus.

- Amiga – disse Tristão –, não vos zangueis, mas eu fiz um voto. Outrora, em outra terra, combati um dragão e ia morrer, quando me lembrei da mãe de Deus, e prometi-lhe que, libertado do monstro por sua cortesia, se alguma vez tomasse esposa, por um ano me absteria de beijá-la e abraçá-la. (ABRANTES, 2011, p. 102).

Neste momento, podemos perceber que Tristão passa a viver um casamento branco com Isolda das Mãos Alvas. Por casamento branco, Wisnik (2009) vem dizer, em linhas gerais, que é um amor que não é consumado no âmbito sexual, assim, “[...] a paixão se interpõe ao prazer, o casamento não se consuma sexualmente” (WISNIK, 2009, p. 234).

Por fim, o mar é mostrado ao final do romance por trazer Isolda, a Loura, ao encontro com seu amado Tristão: “A âncora estava suspensa, o mastro içado, panda a vela. O vento fresco da manhã assobiava nos ovéns, enfunando os panos. Fora do porto, para o alto mar, todo branco e luminoso, a nau avançou, sob os raios de sol” (ABRANTES, 2011, p. 125), mas ao chegar encontra-o morto e, ao vê-lo, morre junto a ele. Evidenciamos, dessa forma, o que falamos anteriormente, o mar une ao mesmo tempo em que distancia os amantes por diversos momentos.

4.2.2 O Filtro Mágico

Outro objeto mágico presente na obra e talvez o mais importante, ou seja, o que dá maior sentido a vida dos amantes e, conseqüentemente, ao desenrolar da narrativa, é o filtro mágico que, segundo Le Goff (2011, p. 224) “tornou-se o símbolo do amor à primeira vista e da fatalidade do amor”, isto é, tal filtro carrega consigo uma via de mão dupla, a felicidade e a tragicidade da morte para os amantes.

Nessa perspectiva, acerca do amor entre Tristão e Isolda, podemos perceber que tal sentimento surge a partir de forças místicas presentes no referido filtro “Tudo leva a crer que *livremente* jamais teriam escolhido um ao outro. Mas eles beberam o filtro do amor, e eis a paixão.” (ROUGEMONT, 2003, p. 53).

Figura 3: Tristão e Isolda bebem o filtro mágico.



Fonte: (ABRANTES, 2011, p. 35).

O filtro detentor de certos poderes mágicos, atinge de modo avassalador a vida dos jovens, fazendo surgir uma paixão muito intensa, capaz de fazer com que os dois enfrentem muitos obstáculos para que possam estar juntos em algum momento.

Em relação ao misticismo e a magia do filtro, Rougemont (2003) vem dizer, em linhas gerais, que consiste numa paixão violenta, ou seja, que representa fatos e

acontecimentos impróprios, considerados errôneos, tanto para a Igreja quanto para a sociedade da época em questão.

Quanto à magia, veremos agora seu papel. Trata-se de descrever uma paixão cuja violência fascinante não pode ser aceita sem escrúpulos. Ela parece bárbara em seus efeitos. Ela é proscrita pela Igreja como um pecado; pela razão, como um excesso mórbido. Só é possível admirá-la, portanto, na medida em que tenha sido liberada de qualquer espécie de ligação visível com a responsabilidade humana. (ROUGEMONT, 2003. p. 65).

Essa paixão está relacionada ao pecado e ao erro por resultar em aspectos que vão contra os preceitos de ordem religiosa e social, pois a paixão de Tristão e Isolda representa, de forma bem evidente o adultério, adultério este que para o leitor do romance não emprega tanta significância, podemos assim dizer, pois a trama nos direciona para um certo acolhimento deste amor proibido.

Seguindo por essa linha de pensamento, além do romance evidenciar o adultério de Isolda, podemos perceber ainda a presença de não um, mas de dois incestos¹, o que o próprio Cristianismo também condenava. Para melhor exemplificar sobre este duplo incesto, utilizamos das palavras de Hilário Franco Júnior (1996):

O primeiro era concreto, pois, ao se casar com Marcos, Isolda tornava-se por adoção tia de Tristão, e esse grau de parentesco era dos mais sacralizados: o latim *thios* (donde *zio, tío, tio*), derivava do grego *theos* (deus). Isto é, tio/tia possuía conotações divinas, sobretudo pelo lado materno, o que era o caso entre Tristão e Marcos. O outro incesto era alegórico, porém não menos importante, pois a rainha era vista como mãe simbólica de seus súditos, daí a gravidade da falta de Tristão e Isolda e a resistência eclesiástica a tal mito. (FRANCO JÚNIOR, 1996, p. 141).

Dessa forma, percebemos que por um lado ocorria um incesto porque Isolda ao casar-se com Marcos, tio de Tristão, tornara-se por questões de parentescos tia do jovem, daí o caráter incestuoso, em contrapartida, outro tipo de incesto, dessa vez de forma simbólica, a rainha, considerada pela sociedade céltica como a figura materna de seus submissos, ao se relacionar com o seu súdito (filho) Tristão, acaba por cometer o referido incesto.

A paixão que envolve os jovens amantes é tão intensa que eles não conseguem mensurar as possíveis consequências e este sentimento os direcionam para além do bem e do mal, cada encontro resulta em alguma consequência, que envolve a dor por exemplo, mas isso não os impede de se amarem. Ancorado nos dizeres de Campbell (1990. p. 214) “A dor do amor não é outra espécie de dor, é a dor da vida. Onde está a sua dor, está a sua vida [...]”.

Apesar dessa paixão avassaladora, sabemos que o amor existente na obra é de caráter superficial, um sentimento forçado pelo filtro mágico, podemos perceber no romance que num certo ponto – após anos vivendo na floresta do Morois – os amantes passam a sentir a necessidade de se separarem, de voltar a suas vidas antigas.

[...] Ao mesmo tempo em que se encontram e são atraídos um para o outro com furor, os amantes se separam e produzem sistematicamente o

¹ Entendemos por Incesto o conceito apresentado pelo Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa (2010): “União sexual ilícita entre parentes muito próximos.” (RIOS, 2010. p. 291).

obstáculo que os separa (quando não há os inventam, como nos casos da espada nua, do “casamento branco” de Tristão com outra mulher, da devolução de Isolda ao rei). Dito de outro modo, a paixão oscila em torno da transgressão e do interdito, como se fosse à raiz da necessidade que une esses dois termos. (WISNIK, 2009. p. 239).

Seguindo por essa linha de raciocínio, levamos em consideração os argumentos de Rougemont (2003. p. 58) “Precisam um do outro para arder em paixão, mas não um do outro tal como cada um é; precisam mais da ausência do que da presença do outro.” Nesta ótica de pensamento, ainda complementa que:

A separação dos amantes resulta assim de sua própria paixão e do amor que têm por sua paixão, mais do que seu contentamento, mais do que seu objetivo vivo. Daí os obstáculos multiplicados pelo Romance; daí a indiferença espantosa desses cúmplices de um mesmo sonho em que cada um deles permanece só; daí o crescendo romanesco e a mortal apoteose. (ROUGEMONT, 2003. p. 58).

Compreendemos, assim, que os jovens precisam da ausência um do outro para que o amor seja reacendido e ganhe forças, fato que faz com que o romance seja agraciado com diversos momentos tão importantes para sua narrativa, para que haja uma coerência com a história dos amantes.

4.2.3 Os Mistérios da lenda

O Romance de Tristão e Isolda, ao apresentar em sua trama uma variedade de mistérios enigmáticos e contraditórios ou até falhos, por assim dizer, faz com que nós leitores reflitamos acerca de situações incongruentes. Seguindo por esse raciocínio e levando em consideração os estudos de Rougemont (2003) e Wisnik (2009) nos deteremos, brevemente, sobre alguns desses enigmas.

Um primeiro enigma é o fato de Tristão ser descrito na obra, como sendo o mais forte e o mais alto, isto é, descrevem-no como superior aos demais guerreiros: “[...] tão nobre e tão altivo, largo de ombros, delgado de quadris, forte, corajoso e fiel [...]” (ABRANTES, 2011, p. 12), com essa lógica nenhuma pessoa ou nenhuma força externa poderia lhe impedir de tomar Isolda para si, nem mesmo o Rei.

Dessa forma, por que que ele não utilizou de toda essa grandeza? É um dos questionamentos que o romance nos proporciona, talvez por simples escolha do autor, talvez se assim o fizesse Tristão, a história perdesse todo o seu brilho. Mas realçando tal enigma, o autor Wisnik (2009) afirma que:

[...] se quisesse, Tristão poderia casar-se com Isolda, depois que se apaixonou por ela. Ele poderia dispor do direito do mais forte, regra aceita no mundo feudal. Existem outros exemplos no livro. Se alguém disputa em duelo uma dama, mesmo com o rei, e vence a luta, tem o seu direito como indiscutido. E sabe-se que ninguém ousa enfrentar Tristão, mesmo o rei Marcos. (WISNIK, 2009. p. 236).

É a conhecida regra do mais forte, ou seja, o homem mais forte de acordo com o contexto feudal, como visto na citação acima, teria o seu direito garantido, neste caso teria a garantia da mão da dama em casamento.

Outro enigma é a presença da espada entre os amantes na floresta no momento em que o rei os flagra, o porquê dela estar presente ali. Rougemont (2003) a caracteriza como símbolo da castidade, para que o rei ao vê-la pensasse que os jovens não tivessem efetivado o ato sexual, o que traz mais uma vez referência ao cristianismo.

- Deus – disse consigo –, que vejo! Devo matá-los? Há tanto tempo que vivem nesta selva... E se de louco amor se amassem, teriam entre si uma espada? Pois não se sabe que isso é sinal de castidade? Se se amassem de louco amor, repousariam tão puramente? Não, não os matarei; seria grande pecado feri-los; e se eu despertasse quem dorme, e um de nós dois fosse morto, por muito tempo nisso se falaria, e para nossa vergonha. Mas farei que ao acordarem saibam que os vi adormecidos e não quis a morte deles, e que Deus se compadeceu dos dois. (ABRANTES, 2011, p. 69).

Podemos, ainda, analisar com uma outra ótica, a da disputa da dama entre o rei Marcos e Tristão, pois ao encontrá-los o rei encontra a espada do sobrinho em meio aos amantes, retira-a e coloca a sua no lugar, para mostrar-lhes que ele esteve presente naquele local, o que faz referência a disputa de Isolda.

[...] Este ponto crucial dá bem a medida, a meu ver, da ambivalência do mito como campo de cruzamento de interpretações: é essa intertextualidade pagã/cristã que produz a história da paixão, onde a espada se lê como sexualidade e castidade (pois a história amorosa suscita o impulso sexual mas demanda também a ressimbolização do sexo, no momento mesmo em que a paixão declina, como é o caso nesse momento da narração). (WISNIK, 2009. p. 237).

No romance de Tristão e Isolda podemos perceber ainda uma inversão de papéis, de modo que o leitor passa a enxergar os súditos conselheiros como os traidores e os verdadeiros traidores – Tristão e Isolda –, por sua vez, são vistos como os heróis, o que caracteriza como outro tipo de enigma.

Seguindo por essa linha de pensamento, vemos que os barões que denunciaram a traição de Isolda ao Rei, agiram corretamente, pois “[...] Segundo a moral feudal, o vassalo deve denunciar ao senhor tudo o que lese seu direito ou sua honra: ele é traidor se não agir assim [...]” (ROUGEMONT, 2003. p. 47).

Entretanto, no romance, esse pressuposto é invertido, pois os barões são considerados como traidores por dizerem a verdade, tal fato evidencia a cavalaria cortês, em que “[...] traidor será aquele que revelar os segredos do amor cortês.” (ROUGEMONT, 2003. p. 47).

Outra situação contraditória presente na obra é o momento em que Isolda se propõe ao julgamento divino, por meio do qual, poderia mostrar ao Rei e ao grande público que nunca havia cometido traição, com isso, faz toda uma artimanha, prepara para que Tristão se vista de peregrino e no dia do julgamento, para não se sujar em lama, pede para que o peregrino a carregue nos braços, ao chegar no local marcado realiza o seu juramento.

- Rei de Logres e rei da Cornualha, Senhor Gauvain, Senhor Ké, Senhor Girflet e vós todos que me sereis testemunhas, por estes corpos santos e por todos os corpos santos que no mundo existem, eu juro que jamais nenhum homem me teve entre seus braços, salvo o Rei Marcos, meu senhor, e o pobre peregrino que há pouco se deixou cair à vossa vista. (ABRANTES, 2011. p. 84 - 85).

Com isso, feito o juramento, Isolda é perdoada e liberada do castigo perante todos que ali se faziam presentes, mas Isolda mente para todos, pois havia planejado tudo anteriormente, para que sua traição não fosse descoberta. “Ela só triunfa graças a um artilho improvisado *in extremis* que, tal como é exposto, teria ludibriado até mesmo Deus, pois o milagre acontece!” (ROUGEMONT, 2003. p. 44).

Dessa forma, Isolda é inocentada e em contrapartida Tristão também é, pois acaba por ser inocentado no momento em que sua amada afirma que os únicos homens que a tiveram em seus braços foram o Rei e o peregrino que nada mais era que o próprio Tristão.

Portanto, de acordo com nossos estudos, podemos dizer que o Romance de Tristão e Isolda apresenta ao seu leitor uma narrativa completa de temas maravilhosos/místicos, assim como, elementos mágicos que dão direcionamento ao romance, evidenciando a forma literária da época medieval celta.

5 CONCLUSÃO

No presente trabalho de conclusão de curso (TCC), foi desenvolvida uma análise de cunho analítica/interpretativa, a partir do *amor impossível* existente entre os amantes Tristão e Isolda, personagens protagonistas da obra *Tristão e Isolda: lenda medieval celta do amor* (2011), sendo que o amor que nutrem um pelo outro é fruto de forças místicas e este mesmo amor carrega consigo a dor para os amantes.

O presente estudo intitulado como “*Quando o amor é grande símbolo da paixão: análise de Tristão e Isolda*” apresentou uma pesquisa que teve por base conceitos e teorias do amor, assim como também de aspectos intrínsecos ao mito das paixões, sendo nossa teoria baseada nos conhecimentos de autores como Joseph Campbell, Octávio Paz, Gerard Lébrun, Denis de Rougemont, Jacques Le Goff, Maria Mazareth de Barros, José Miguel Wisnik e Franco Júnior.

Seguindo por essa linha de raciocínio, a abordagem se deu por meio da variedade de teoria literária sobre o amor, levando em consideração, desde a sua origem, na época medieval com os trovadores, até os dias atuais, assim como o conhecemos hoje, perpassando pela influência religiosa e pelo misticismo que o circunda.

Dessa forma, a relevância do presente trabalho de conclusão de curso (TCC) que traz em sua temática o amor impossível, o amor proibido, cercado por muita dor e sofrimento, pretendeu mostrar o drama amoroso vivenciado pelos amantes Tristão e Isolda no decorrer da narrativa, levando em consideração pressupostos mitológicos que rodeiam às paixões e conseqüentemente o amor.

Nosso estudo encontrou-se dividido em três momentos. No primeiro momento apresentamos aspectos referentes ao limiar do amor, abordando teorias, conceitos e um breve contexto histórico acerca do referido termo, assim como também sobre a magia que na obra dá origem a este sentimento.

Já no segundo momento nos propomos a descrever sobre a relação existente entre literatura e psicanálise em relação a obra estudada, tendo como intuito o de estabelecer um elo com aspectos da mitologia presente no romance de Tristão e Isolda.

E, por fim, realizamos a análise do *corpus* o qual através da perspectiva da aplicação do amor de cunho impossível/proibido, analisou os seguintes aspectos presentes na obra *Tristão e Isolda: lenda medieval celta de amor*: o amor

propriamente dito, a magia presente na narrativa e também os mitos relacionados ao amor (às paixões) e os elementos místicos, que desempenham um papel fundamental para o decorrer da história.

Podemos constatar, por meio das análises, que o amor assim como o conhecemos, sempre foi visto de diversificados modos, desde um sentimento nobre a um sentimento menosprezado, pois era moldado por intermédio da sociedade. Constatamos ainda, que o amor também foi vítima de aspectos místicos e mágicos que atribuíam-lhe sentidos negativos, como podemos observar na obra que o amor por ser oriundo de magia, carrega consigo a dor e a morte para os amantes.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Fernandel. **Tristão e Isolda**: lenda medieval celta de amor. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. Tristão e isolda: o adultério sem rendição. *In*: **As deusas, as bruxas e a igreja**: séculos de perseguição. Rio de Janeiro: Recor Rosa dos Tempos, 2001. p. 291-312.

CAMPBELL, Joseph. Histórias de amor e matrimônio. *In*: CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990. p. 195-216.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A vinha e a Rosa**. *In*: **A Eva Barbada**: ensaio de mitologia medieval. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 137-158.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEBRUN, Gérard. O conceito de paixão. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 12-32.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da idade média**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 219-226.

PAZ, Octávio. Pré-história do amor. *In*: **A dupla chama**. São Paulo: Siciliano, 1994. p. 49-68.

_____. A dama e a santa. *In*: **A dupla chama**. São Paulo: Siciliano, 1994. p. 69-91.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010.

ROUGEMONT, Denis de. O mito de trisão. *In*: **A história do amor no ocidente**. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2003. p. 23-75.

TRISTÃO e Isolda. Direção de Kevin Reynolds. EUA: Europa Fimes, 2006. 2h 05min. Disponível: <https://www.baixarfilmetorrent.net/tristao-isolda-2006-torrent-dublado-e-legendado/> Acesso: 30/09/2020.

WISNIK, José Miguel. A paixão dionisíaca em Tristão e Isolda. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 221-260.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu bom Deus, dono de minha existência e que sem a sua permissão não teria chegado até aqui.

Aos meus pais Maria José e Juvenal Cândido, por todo apoio e incentivo durante todo esse percurso, por me aconselharem em cada momento, enfim por estarem sempre ao meu lado.

Aos meus irmãos Gelma e Genilson, por também estarem sempre ao meu lado me dando forças e me incentivando a seguir meus objetivos.

Em especial a minha querida irmã Joelma (*in memoriam*) a quem dedico esse trabalho, por todo incentivo e, também, por todos os conselhos durante toda minha formação, foi uma das peças fundamentais para que chegasse até aqui.

Ao meu cunhado José Roberto (Dedé) por ter me ajudado em diversos momentos da minha trajetória acadêmica.

A minha namorada Josieli, por todo seu apoio e por entender todas as vezes em que precisei me ausentar.

Aos amigos Lilian, Samuel e Victor, também por todo apoio, por entenderem todas as vezes que não pude estar presente nos encontros.

Ao meu professor orientador e amigo Rafael Francisco Braz, por todos os seus ensinamentos e contribuições, por todo apoio e paciência para comigo durante esse período de orientações.

A minha turma querida, nas pessoas de Marcele, Adriana, Flávia, Valdilene, Mênike, Fernanda, Gefferson, Jozan, Sergio, Rafaelisson, Lucrecia, Manuela, Kelton, Carol, Andreza, Vanessa, Gerlane e todos os demais que foram de fundamental importância para que não desistisse do curso, obrigado por terem feito das minhas noites na UEPB as melhores possíveis.

Um agradecimento em especial para meus amigos: Marta Inácio e Luiz Fernando, meus parceiros de trabalhos e de estágios, construímos um laço de amizade muito forte nesse percurso, obrigado por todo apoio e amizade.

Meus sinceros agradecimentos a todos os que direta ou indiretamente me apoiaram e me incentivaram nessa trajetória, meu muito obrigado.